

**17 anos
11 meses
e 30 dias**

Por: Victor Barreto Mesquita



Sobre a obra

Prezado leitor, gostaria que não se impressionasse pelo caráter violento que a obra adquire, linha por linha, achei necessário pelo objetivo que almejo com este conto. Não recomendo para pessoas que tenha algum tipo de sensibilidade à violência. Há também cenas de sexo, embora tomei bastante cuidado em descrevê-la (descrevi bem por "altos") que pode ser forte.

Não gostaria de que a frieza de Pedro fosse replicada em nosso dia-a-dia, é acima de tudo uma obra da ficção. Se gostaria de fazer um pedido é que se concentrassem em sua personalidade, e na mensagem que gostaria de discutir-la.

O conto está dividido em algumas fases de Kelly e depois se concentrando principalmente em Pedro.

Eu julgo a obra seja para uma leitura rápida, pois tentei suscitar o máximo alguns detalhes sem tanta importância. Boa leitura!

Victor B. Mesquita

Chovia quando uma mulher de 29 anos entra numa maternidade, a bolsa tinha estourado.

Os enfermeiros de plantão logo se prontificaram, colocaram-a em uma maca e a levou até dentro do hospital .

"É um menino", assim disse o médico, perguntando sequeentemente "Onde está o pai?" o que ela não respondeu.

Depois de verificado que a criança havia nascido saudável, pesava 2,8 kg e media 45 cm. "Vai ficar um tempo em observação, depois já poderá ver seu filho", disse uma das enfermeiras." A senhora já escolheu um nome?", perguntou o médico, receoso, pois seu primeiro questionamento foi ignorado. "Vou chamá-lo Pedro, em homenagem ao meu avô".

Dado autista, a mulher pode ver seu filho, dando impressão à todos de total insegurança do futuro.

"Posso ir para casa?", "sim, e já pode levar seu filho", respondeu a assistente social.

A criança embrulhada em um lençol pode então sentir os seios maternos e aconchegantes de sua mãe.

"Mas não para de chorar!", disse ela, chamando atenção de pessoas que estavam em um ponto de ônibus.

Chegando em casa, atirou a criança à cama e depois a tomar um banho demorado até ser impedido por choros agonizantes daquela criança, que estava em uma posição que sufocava sua respiração.

Demorou a ajudá-lo," talvez seria melhor que morresse, o aborto seria uma opção, não tenho condições de criar essa criança". Mas segurou-o novamente no colo e balançou-o seu até vê-lo dormir, foi terminar o banho. No outro dia recebe visitas de uma amiga, uma mulher de 35 anos, mãe de dois filhos.

"De quem é essa criança? Não sabia que estava grávida", disse a mulher.

- Sabe Kelly, eu tenho um enxoval do meu último filho e um berço que poderia suprir suas necessidades.

Ligou para o marido e pediu para colocar na caminhonete todos os objetos de que falara.

Chegando o homem, é surpreendido pelo fato de a amiga de sua mulher estivesse grávida, resolveu perguntar:

-Quem é o pai?

Ela sempre ignorava essa pergunta. À sós novamente com o bebê, a ideia do aborto agora parecia distante.

O fato de seus amigos a verem com aquela criança poderia ocasionar em crime caso algo a ocorresse.

- Pedro, você foi mais uma decepção, disse.

No dia seguinte, acordou bem cedo com os choros do bebê, trocou as fraldas e ligou para a sua amiga Michele (sabe, a do enxoval), perguntando se poderia deixar a criança em sua casa, à noite.

- Sim claro, adoraria cuidá-lo.

Deu 9 horas, da noite, ligou o carro e levou a criança até a casa da amiga.

- Prometo não incomodá-los mais, é até conseguir uma creche. Ligou o carro novamente e foi até o trabalho. Chegando lá, teve uma rude recepção de um homem alto, forte, branco que sempre usava um

- Marcos, solte-me, tive alguns problemas mas prometo recompensá-lo. Se quiser fico no lugar da Elén, ela não está viajando?

Foi até os fundos da boate e trocou de roupas.

- E o próximo número que vou chamar é da nossa querida Kelly, a garota mais quente do Sensual Trip, disse Marcos pelo microfone.

Logo entra Kelly vestindo uma roupa preta, óculos escuros e um cachecol vermelho, sendo recebida por mugido dos mais variados, se direciona até a barra vertical com um número de poli dance. Cada vez que retirava uma peça, que vestia, fazia o ambiente ferver, fazendo os homens fazer uma roda, querer chegar cada vez mais perto do seu corpo.

Eles colocavam dinheiro em sua calcinha e pedia-a para tirá-la, o que foi apenas consentido no final do número.

Terminando a apresentação o ambiente foi contagiado com um coro de "volta gostosa!".

Marcos, por sua vez ,chama a próxima garota para o próximo número e manda ela ir de mesa, em mesa, servir os clientes.

Apenas de calcinha, ela entregava os mais variados tipos de bebidas e escutava os mais variados desejos de toda a clientela. No final, ela sempre ficava com um dos clientes, o que tivesse mais dinheiro.

Como era a mais requisitada, era sempre uma peça importante no xadrez do Marcos, e ele sabia disso.

"É uma linda garota!", diziam uns. "Mais que linda, maravilhosa!" diziam outros.

Terminando o serviço, de vez em vez,ela apresentava marcas no corpo . Eram de fetiches de certos clientes ou de "transações mal feitas", com Marcos. Dessa vida já estava acostumada.

Passado alguns meses, Michele disse não poder mas viver naquela situação:

- Kelly, você é minha amiga desde infância, mas eu e meu marido chegamos a conclusão de que é irresponsabilidade demais ficar com Pedro. Você é a mãe dele e ele praticamente mora em minha casa, você tem que assumir a responsabilidade e criar seu filho.

Kelly pegou seu filho, que já contava com seis meses de idade, deixou em casa e seguiu até a boate.

- Tem cliente novo aí, avisa Marcos.

- Ele pagou alto, quer que você faça tudo, prosseguiu.

Indo até o quarto, Kelly encontrou um homem de meia idade, branco, gordo, de estatura mediana e com uma cicatriz enorme no rosto. Do lado dele havia dois homens fortes e altos.

- Saíam, falou o homem de meia idade aos outros dois que estavam com ele.

Ficando à sós com Kelly ele pede:

- Tire a roupa, o que ela faz de imediato.

Ele também fez o mesmo e ficaram aproximadamente por uma hora no quarto.

- Posso ir?, perguntou ela.

- Não, ainda não acabou.

Ele tirou uma faca de uma maleta e ordenou que virasse, ela muito assustada correu até a porta, mas terminou sendo contida pelos dois homens que acompanhavam seu cliente. Ele mandou a segurar e começou a fazer cortes pelo seu corpo, enquanto ela tentava se livrar daquela situação e gritava muito. Uma das mulheres ouviu os seus gritos e foi avisar Marcos, e ele disse:

-Deixe-o, ele pagou muito caro por isso, não se intrometa.

- Seu maldito idiota, ele vai matá-la, disse ela.

Enquanto no quarto o homem disse:

- Pronto, agora terminei.

Os três homens saíram e uma das prostitutas foram até o quarto ver o estado de sua amiga. Tinha uma inscrição em seu corpo "Sou uma maldita prostituta". Ela se vestiu, pegou uma pequena quantia em dinheiro com Marcos, e foi pra casa.

Chegando lá, escuta seu filho chorando, vai direto para o banheiro e fecha a porta. De fora só dá para escutar seus gritos.

Viagem

Amanhece, ela sente que não dar mais para continuar aquela vida. Pensava em suicídio mas quando olhava aquela criança, às vezes contente sem parecer ter motivos, despertou seus laços maternos que nem sabia que existia. Talvez o filho seja o pretexto para uma mudança radical em sua vida. Decidiu que seria hoje, sem despedidas, sem dizer para onde vai.

Colocou tudo que coube no carro e " pé na tábua". Se sentia renovada fazendo aquilo, não estava submissa, era senhora de si.

Não tinha mais Marcos para incomodar, não tinha clientes, era só ela e aquele filho bastardo. Percorreram 300 km na rodovia, procurou uma cidadezinha pequena no mapa. " Renovação, é para lá que vou". Chegando em Renovação, foi até uma pousada, a Pouso de Águia, pretendia ficar ali só por uns tempos, até porque as economias que tinha não dava para muito. Aceitou o primeiro emprego, ia ser garçoneiro até "arrumar algo melhor".

Seu filho já contava com um ano e seis meses, já andava, já soprava algumas palavras. Sua primeira palavra "mãe", ela conseguiu depois de uma enorme insistência, primeiro "mon", "mõn", "mae" e por fim "mãe". Era isso que ela era, uma mãe e assim, como tal, iria se comportar. Alugou uma casa, mais perto do trabalho, e para lá se mudou. Quem ajudou na mudança foi um senhor de meiaidade, chamado Omar, que tinha a única academia de jiu jitsu da cidade, gabava-se de ter sido ensinado pela família Grace e de suas medalhas de quando ainda era jovem.

O menino contava então com três anos de idade, Kelly procurou uma escolinha, e matriculou-o.

Todos os dias, levava e pegava-o, sem antes questionar às professoras como está indo seu desenvolvimento e acompanhando ela mesmo com os exercícios de casa.

- É um aluno muito inteligente, está entre os melhores da turma, disse uma das professoras.

- Só não se socializa muito..., continuo a outra.

- ... mas isso acontece naturalmente, completou a primeira, apresentando tom de impaciência.

- Já lidei com casos semelhantes, mas seu menino é impressionante! (completou).

O seu desempenho era realmente fascinante, e rapidamente sua mãe foi chamada.

- Sra, por favor entre, disse a diretora.

- É sobre seu menino, bem, eu nunca lidei com uma criança assim antes, ele tem uma inteligência muito incomum para sua idade. Aprende rápido os deveres, já até aprendeu a ler. Somos uma escola progressiva, não dava para mantê-lo na turma de crianças da sua idade, por isso, matriculei-o em uma turma de alunos já alfabetizados. Ele vai ter lições mais avançadas, mas acredito que vai conseguir suportá-las. Não podemos deixá-lo na mesma sala com os estudantes, ele poderia sofrer assédio dos outros estudantes. Por isso dispus uma sala, ele vai ser acompanhado à sós com a professora Margarida, vai ser um tipo de professora particular.

Kelly não conseguiu absorver aquelas palavras. Era sobre o filho dela mesmo que a diretora estava falando? Ela olhou para aquela criança e ficou contente. Era apenas daquele "homem" que precisava. Ficaria ao seu lado, acompanharia todo o seu desenvolvimento e seria a melhor mãe para ele. Estava animadíssima, se sentia bem.

Era o aniversário de quatro anos de Pedro e Kelly pretendia dar a sua primeira festa. Procurou o menino por toda a casa, por onde ele anda?

Foi até o quintal e enfim o encontrou, ele estava virado de costas, batendo algo no chão.

- Pedro? Pedro!

- Sim mama, mãe!

Ele se virou.

- Meu deus!

Ele estava com o cadáver de um gato na mão.

- Ah Pedro, solte isso e ,vamos, vamos tomar um banho, nossa! Está todo sujo.

Pedro acompanhou a sua mãe, se limpou e por fim chegaram alguns convidados, ninguém mais apareceria.

A diretora e sr. Omar veio dar seus parabéns.

- Não é todo dia que se faz quatro anos. Já é quase um homem de verdade., disse sr. Omar.

- É um garoto impressionante!, disse a diretora.

Os dois trouxeram presentes e rapidamente Pedro correu a rasgar os embrulhos. Em um estava um cubo mágico e no outro, vamos ver, ..., um kit investigação, com direito à algemas de plástico, uma luneta, e uma arma de água.

No dia seguinte, pediu a mãe que levasse o kit de investigação, ela negou e deixou apenas levar o cubo mágico.

Após a aula, já em casa, Pedro pegou o kit de investigação e foi até o quintal, estava bastante excitado com aquele presente.

- Não está com fome? Pedro, venha comer, disse Kelly.

Depois mexeu nas coisas do filho e encontrou o cubo mágico... resolvido.

Do lado de sua casa havia se mudado um jovem casal. Jovem em idade e maturidade, eles brigavam todos os dias.

Então era muito comum ouvir todo o tipo de palavrões. Kelly preocupada com a educação do filho resolveu conversar com homem, chamado João. Ela disse que de sua casa dava para escutar todas as brigas e que estava ficando insuportável para ela e para o filho. O rapaz não atendeu bem o pedido de parar:

- Então aqui temos uma inxerida, disse João à Kelly.

Kelly fitou o olhar na casa como se quisesse descobrir mais sobre o jovem casal e viu machucados na jovem, seu nome era Isabel.

- É melhor você ir embora, disse Isabel à Kelly.

No outro dia a policia bateu na casa do casal, os policiais constataram as agressões e prenderam Pedro. Sua mulher gritava aos policiais para não prendê-lo, mas mesmo assim foi levado. Pelas facilidades que se encontram em nossas leis, ele pagou a fiança e no outro dia já se encontrava em casa. Já sabia quem havia denunciado e queria tirar satisfações.

Foi até a casa de Kelly, encontrou a porta apenas encostada e apenas seu filho, à sós.

- Como vai garoto? Onde está a sua mãe?, disse João à Pedro.

- Você é o moço mal que briga com a mulher?, perguntou inocentemente Pedro.

Kelly chega com alguns sacos na mão, havia ido rapidamente no mercado.

- Pois não?

Os fatos que se sucedem foram de intensa violência do rapaz contra Kelly na frente do seu filho que tentava de todos os modos conter o rapaz, mas não tinha força suficiente pra tal tarefa. Terminado o "trabalho", João saiu pela porta dos fundos, subindo um muro dava em sua casa.

Pedro fitou os olhos na mãe, que se sentia preocupada com o ocorrido, mas tentou acalmar o filho dizendo "isso não vai acontecer mais",

No dia seguinte Sr. Omar percebeu os machucados no corpo de Kelly e perguntou:

- o que houve?

Ela entiu dizendo que havia resistido à um assalto. "Santo Deus, não faça mais isso.

Esses homens são uns monstros.", disse-a Omar.

Mudanças

Kelly percebeu que Pedro não havia mais frequentado às aulas, o que fez a diretora perguntar "ele estava doente?".

Ela ficou de reprimi-lo, mas sempre que olhava pro pobre filho lembrava da violência que passara e que seu filho infelizmente vira, disse apenas "boa noite querido, que Deus o proteja".

Nos meses seguintes ela percebera uma mudança no comportamento de seu filho, não estava mais tão interessado nas aulas, só fazia o necessário e não recebia mais elogios. Estava cada vez mais distante. Ocupava-se boa parte do seu dia entretido com o Kit investigação. Com a luneta era cruel com os insetos e com algumas aves que apanhara com a armadilha de pegar passarinhos. Ela queria interrogá-lo, teria que "tomar as rédeas", estava sentindo que estava perdendo seu filho. Sempre que perguntava se "algo estava acontecendo", ele sempre respondia que "não, está tudo normal".

Pedro já contava com sete anos, o desenvolvimento do seu corpo era muito rápido, parecia ter entre 9 e 11 anos. Estava frequentando as aulas normalmente com os alunos de sua idade, deixou de ser o "queridinho" da diretora. As brigas ao lado de sua casa eram constantes, Kelly pediu indiretamente para o Sr. Omar intervir, mas a conversa que ele teve com João chegou ao ponto de violência, Sr. Omar tentou se impor, mas acabou morrendo pela faca de Isabel, a esposa de João.

Esse fato fez a vizinhança revoltar-se contra os dois, percebendo a inércia da polícia, mais de quarenta pessoas se encontravam na porta do casal. A polícia foi chamada e fez um corredor, para que não fossem linchados pela população.

Primeiro assassinato

Pedro havia terminado de comer, Kelly pediu-o para que não fosse à rua até que "os ânimos se acalmassem".

- Tudo bem, mãe, disse ele.

Ele foi até o quintal, pegou uma pedra e pulou até o quintal vizinho, dava para escutar um barulho intenso vindo da porta da casa de João, sua mulher estava na rua tentando convencer todo mundo de que aquilo (o assassinato de Omar) foi em legítima defesa. Pedro entrou calmamente na casa e encontrou João gritando, segurando um pedaço de pau, e dizendo que se entrassem "iria matar todo mundo". Ele estava tão entretido com as ameaças que não percebeu Pedro, a menos de dois metros dele, pegar uma faca e se aproximar. Cravou a faca em uma das pernas de João, no que ele se jogou no chão e começou a gritar, e Pedro começou a golpeá-lo com a pedra na região da cabeça, foram mais ou menos 20 golpes .

João chegou a pedir socorro, mais naquela algazarra ninguém ouvia ninguém.

- Dona, por favor entre, não está ajudando. Disse um dos policiais à Isabel.

Ela atendeu ao pedido do policial e entrou em casa, quando notou seu marido no chão mergulhado na poça de seu próprio sangue, ela gritou para que um dos policiais o socorressem, mas já era tarde. Chegou mais polícia, e um delegado gritou para toda a população que ouvissem, João havia sido assassinado e aquela casa agora era local pra perícia.

Percebendo a incredulidade da população, ele pediu que um grupo se agrupasse e entrasse naquela casa e constatasse com seus próprios olhos que João "foi dessa pra melhor", sem é claro, tocar em nada. A primeira suspeita recaiu sobre Isabel, que foi a única a entrar na casa. Mas nenhuma hipótese estava sendo descartada, segundo o delegado. Kelly entrou em casa e viu seu filho assistindo calmamente um desenho infantil, mas percebeu que ele havia trocado de roupa. Ele respondeu que estavam pequenas demais, e que era necessário um guarda roupa novo.

A pedra do crime foi encontrado no quintal do Sr. Omar, com algumas impressões digitais, e a faca estava próxima ao corpo.

Isabel, após passar pela perícia teve "digital incompatível", e dando "nada consta", foi liberada. Teve que se mudar dali.

O caso foi arquivado por falta de provas.

Pai

Havia se passado três anos, e Kelly percebia, a cada dia, o distanciamento do seu filho. Ele sempre entretido naquele quintal, à procura de pássaros ou outros animais.

- Pedro, vai ser biólogo quando crescer?

Ele apenas sorria. Ela apenas gostaria de entender, poderia ser algo normal, já estava se tornando um adolescente e sabedeus como é essa fase. Ela própria queria distância dos pais quando tinha a sua idade. Mas ainda havia algo intrigando ela, o fato de, simplesmente, Pedro não ter interesse em saber quem era seu pai, talvez isso esteja ligado ao constante isolamento do filho, iria interrogá-lo, era o que uma boa mãe faria não é verdade? Mas um receio muito grande a impedia de conversar sobre isso com o filho, o simples fato de essa conversa levar a certas questões, que ela não poderia responder.

Talvez fosse melhor ficasse apenas os dois, esquecer todo aquele passado e continuar o caminho trilhado.

A mesma vocação que tinha para ficar entretido em seu quintal, Pedro tinha por assistir filmes de terror. Era sempre um crítico feroz dos mesmos filmes, não gostavam daqueles que abusavam de efeitos especiais e utilizava muito de estórias sobrenaturais. Não gostava de algumas ideologia dos serial killers como "não mato mulheres nem crianças", então seria o homem fadado ao assassinio e uma mulher ou criança não? Como se o valor da vida de um homem fosse menor. Amava os serial killers que matavam sem escrúpulos, os verdadeiros psicopatas, que não tem remorsos e mata na frequência que quase troca de roupa. Então filmes hollywoodianos eram os preferidos para as criticas do jovem Pedro.

Ele admira apenas a cena cult e alguns canais que mostrava o "homem em sua essência", com todas as suas fraquezas e sujeito à punição. Era admirável ao mesmo tempo que era assustador encontrar tal pensamento em um menino de dez anos.

Kelly não ligava em advertí-lo, pois afinal de contas, era uma personalidade que estava sendo construída. Essa originalidade, pensamento livre, que ele tinha era algo que muito a admirava, talvez porque fosse exatamente o que a faltava.

Kelly conheceu um jovem rapaz, deveria ser dez anos mais jovem que ela, em seu local de trabalho e ele insistentemente a chamou para sair. Ela não se sentia atraente e isso fez evitar todo e qualquer tipo de cantada. Mas o fato era que os homens a achavam atraente. Ela agora tinha a beleza que só uma mulher madura poderia oferecer. Não foi uma tarefa fácil para o jovem, Mateus, mas enfim ela aceitou. Ele ficou de pegá-la em casa às 20:00 horas. Ainda perturbada com o convite, ela havia se esquecido do jovem Pedro, em todo esse tempo nunca havia lhe deixado sozinho. Queria dar uma chance para o destino, ao mesmo tempo que gostaria de criar seu filho. Não creditava ser uma tarefa fácil, mas ela tentou. Com todas as advertências possíveis do tipo "cuidado com o fogo", "vou deixar alimento pronto e volto cedo", eles

Distante vinha um aparente morador de rua, estava conversando sozinho e segurando garrafas pets, provavelmente iria vendê-las no dia seguinte para colocar um pouco de comida em sua mesa. Pedro se escondeu atrás de um poste e colocou a máscara de jornal, pretendia apenas assustá-lo. Mas a brincadeira parece não ter surtido graças recíprocas, o homem não gostou nem um pouco do susto, e, desregulado de juízo, proferiu vários palavrões contra Pedro. Pedro sacara a faca, o homem não correu e demonstrou apenas agitação.

Pedro pede:

- Peça desculpas pelo que acaba de falar.

Ouviu mais palavrões, e correu para cima do homem, que no susto tropeçou e levou uma queda.

Pedro sorriu, e disse novamente:

- Peça.

O homem não parecia demonstrar medo," se não parecia demonstrar medo é porque não dar tanto valor à vida", pensava. Pareceu ter compreendido porque alguns serial killers estufavam o peito e afirmava ter princípios, como "não mato crianças nem mulheres".

Pedro colocou a faca no pescoço do homem e sem muito esforço fez um corte no mesmo local. Ele correu do lugar do crime, quando percebeu que o homem se debatia com sangue se esvaindo do seu pescoço. E notara a presença de um carro, vindo em sua direção, correu até sua casa, sua mãe não havia chegado. Teve o cuidado de queimar a máscara e limpar a faca, colocando novamente, no lugar reservado

Mateus e Kelly passaria de carro na mesma rua do assassinio, mas os policiais pediram que desviassem. "Como está violenta essa cidade", falou Mateus olhando para Kelly.

Kelly deu-lhe um beijo e disse que se encontrariam em breve, entrou em casa e encontrou Pedro já dormindo. Estava satisfeita, teve uma gostosa noite ao lado de Mateus. Não sabia como evitou por tanto tempo homens como Mateus, um verdadeiro cavalheiro.

No outro dia questionou os vizinhos sobre o acontecimento, "a polícia alega já ter um suspeito", ouviu de uma senhora, "era um dono de um terreno próximo o qual o morador de rua havia recentes

desentendimentos", completou a mesma. A polícia de Renovação havia prendido, mas soltara por falta de provas.

O morador de rua não era muito querido no bairro, havia tido muitos desentendimentos. Adorava fuçar lixo alheio e conseqüentemente espanhá-lo e assim acumulou muitos inimigos. Não era tarefa fácil para a polícia encontrar o assassino. Seu enterro foi sem parentes, foi enterrado como indigente porque não portava documentos, as pessoas apenas o conheciam por "Zé do Lixo".

Certeza da impunidade

Esse e outros acontecimentos despertaram em Pedro certo fascínio pela morte e como saía impune de todos os assassinatos.

"O país em que vivemos é um verdadeiro paraíso para criminosos", a nossa polícia é preguiçosa, nossas leis são falhas, nossos juizes estão carregado de casos e nossos representantes são corruptos", ouviu pela televisão o desabafo do membro de uma ONG. Melhor país não deveria haver para o surgimento e desenvolvimento de uma mente doentia. Tínhamos todos os fatores necessários e nada, absolutamente nada, iria pará-lo.

Pedro completou doze anos, sua mãe e ele vinham frequentando uma igreja a pedido de Mateus que ficou a par dos acontecimentos do passado de Kelly.

- Deus há de prover, só ele tem o poder de julgar. Jesus Cristo evitou o apedrejamento de Madalena, disse ele.

- É verdade, respondeu Kelly, que demonstrava pouco interesse em assuntos bíblicos.

Mas a igreja é onde para todos vão quando tem corações arrancados pelas correntes do destino. Ela queria ser apenas uma mulher normal, queria esconder seu passado.

- Já está pronto, Pedro? Não quero se atrasar, Mateus vem nos buscar de carro. Não quero deixá-lo impaciente.

- Estou sim, mãe.

- Vamos?, perguntou Mateus.

Chegando à igreja, nenhuma novidade. Havia a hora das orações, da leitura da bíblia, dos depoimentos, de falar em linguas estranhas e até

Kelly participava ativamente de todos os eventos da igreja, se batizou e queria ver o filho fazer o mesmo. Acreditava que seu comportamento de adolescente poderia ser corrigido com orações e amizades que falaria dentro da igreja. Mas por outro lado o filho apenas tinha interesse em ler a bíblia, no começo pedia orientação do pastor, mas depois o tédio passou a tomar conta dessa ação.

Seu pastor dava sentido a tudo, distorcia fatos e queria que o garoto enxergasse um deus bom com tudo e com todos.

Do mesmo afeto que falara sobre Deus ele usava da mesma energia para falar dos ímpios. "Aqueles que não enxergam o caminho do senhor, que não segue seus conselhos, só terão um caminho a seguir, o do inferno".

No início Pedro começou lendo o Antigo Testamento, contrária às vontades do seu pastor, que queria vê-lo lendo o Novo Testamento. Demorou três meses, após ávidas leituras e tentando interpretar direitinho todo o simbolismo do livro. Lá tinha muita coisa que o entusiasmava, como as sagas de Davi, de Samuel e a tão incrível estória do dilúvio e a arca de Moisés. Não deixava de notar o quanto o Deus Todo Poderoso punia os não-judeus sem qualquer piedade. Também não deixou de pesquisar que o livro havia sido escrito, primeiramente, em hebraico, língua dos hebreus.

Estava notavelmente interessado pelas estórias bíblicas e estava empolgado por iniciar a leitura do Novo Testamento.

Conforme lia a bíblia Pedro começou a se interessar pelos eventos realizados pela igreja. Participava de praticamente todos e ia pelo menos quatro vezes da semana à igreja escutar os "sermões dos céus" e principalmente os testemunhos.

Certa noite, o pastor com toda sua eloquência, falou sobre "aqueles que, chamados ímpios, pois praticam impiedade, iriam pagar por ter mexido com os filhos de Deus. Aqueles que com sua audácia, xingou, gritou, foi mal educado com os servos do Senhor. Que assim se tornariam fariseus e a bíblia deixa explícito o quanto o Misericordioso utiliza de toda sua onipotência para que não permita um só arranhão em seus servos". Deu exemplos, citou "Mil cairão ao seu lado e dez mil à sua direita, mas tu não serás atingido, pois eu souo Senhor". Deveriam nos fazer como os judeus e seguirmos para sempre aquele considerado o deus de Israel. Mas intrigava a Pedro o fato dos judeus não acreditarem no messias Jesus Cristo. O pastor explicava, com condolência, que "o messias viera para os seus e os mesmos o recusaram". Sempre tirando trechos da bíblia e tornando sua voz paciente.

Tudo intrigava Pedro, seu ceticismo às vezes levava à impaciência do pastor. Não foram raros os ocasiões que os dois passaram horas discutindo acerca da bíblia ao ponto de Kelly interrompê-los, pois Pedro, com suas questões, estaria incomodando aquele homem.

Queria ação, queria testar o Deus dos céus. Após a leitura completa da bíblia, sentia um desejo enorme de "romper o silêncio da verdade", queria testá-la. Aproveitou o momento em que Kelly saiu para o trabalho, e entrou na igreja com a bíblia na mão. Havia apenas o pastor e um jovem que estava ajudando-o na instalação elétrica.

Estava um emaranhado, concluiu o jovem olhando para os fios. Fazia um calor forte dentro da igreja e havia fios desemcapados para todos os lados. A igreja estava passando por dificuldades financeiras, segundo o pastor, e não era necessário um técnico, havia ainda na igreja objetos inflamáveis como cadeiras de plástico além de lençóis nas paredes com cartazes escritos em cartolina. Parecia que algo de ruim iria acontecer, pressentia Pedro.

O fato é que havia dois leigos mexendo na instalação elétrica e nenhum extintor no local. Uma fagulha foi necessária para rapidamente o fogo se estender por todo aquele local. A portaria estava praticamente dominada pelo fogo, só havia uma única saída para os três, uma pequena janela no banheiro.

O pastor mandou que o jovem e Pedro tentassem a sorte por aquele local, os dois eram fisicamente aptos a passar pela janela. Primeiro saiu Pedro, depois o jovem.

- Vou buscar ajuda... fique aqui e tente pegar algo para arrebentar essa parede, disse o jovem à Pedro.

Pedro viu uma fumaça extensa sair pela pequena janela do banheiro. Parece que naquelas alturas o fogo havia tomado conta de todo o lugar.

Ele ouviu gritos desesperados de socorro e ,cnicamente, disse:

- Clama por Deus pastor. Lembra de Daniel na cova com os leões.

Ouviu gritos mais desesperados e viu o pastor em um ato de desespero colocar a cabeça para fora da janela para poder respirar.

Já havia fumaça no pulmão daquele homem para decretá-lo como morto,a ajuda chegou tarde demais. Levou ainda mais dez minutos para abrir um buraco nos fundos do banheiro. O cadáver do pastor morto estava agora à espera de sua família.

Seu velório foi acompanhado por muita gente, incluindo Pedro e Kelly, havia um clima de luto no bairro. O homem "intocável" não sobreviveu ao verdadeiro inferno.

O homem morreu, deixando uma mulher e seus quatro filhos.

Matadouro

Mateus procurava a aproximação de Pedro, o que Kelly considerava uma boa ideia. Os dois, então, planejavam para Pedro uma viagem à fazenda do pai de Mateus. Ficariam lá por uma semana, tempo em que Kelly pediu folga do trabalho. "É bom para Pedro, fazê-lo esquecer todo aquele acontecimento na igreja", disse ela. Então, bem cedo, pegaram o carro e fizeram uma viagem, prevista para durar quatro horas. Mateus sempre buscando a conversa com Pedro e Pedro sempre se esquivando. Para ele

Mateus é um completo estranho, não iria ganhar simpatia tão fácil. Já para Mateus, Pedro seria uma oportunidade de se aproximar cada vez mais de Kelly. O jovem estava sempre bem intencionado, não gostava de dar passos sem avaliar suas consequências e isso era notável. Falou sozinho praticamente a viagem inteira, contando histórias de para onde iriam.

Era sem dúvida uma fazenda muito grande em uma região com uma fauna e flora muito rica. Parecia estar sempre bem cuidada, uma folha não ficava fora do lugar, seu Rufião, pai de Mateus, fazia questão de cuidar pessoalmente dos interesses da fazenda. Kelly e Pedro foram recebidos calorosamente por seu Rufião e dona Otavina.

Estavam cansados da longa viagem e logo foram acomodados, descansaram o suficiente e logo desceram para um churrasco preparado por Rufião. A carne, fazia questão de dizer, era selecionada dos seus melhores bovinos, que cresciam e eram alimentados na própria fazenda.

Seu Rufião vendia carne para os principais açougues da região, dona Otavina, por sua vez, cuidava do leite e da fabricação do queijo, contava com sete funcionários e tudo era feito na propriedade, incluindo o abatimento.

No outro dia Mateus convenceu Pedro em dar uma volta por toda a fazenda, visitar os "mistérios" do lugar, enquanto dona Otavina preparava o almoço junta a Kelly. Ele concordou, e pediu para que visitassem também o matadouro. Mateus estranhou o pedido mas concordou, pensava que o garoto queria apenas constatar o ambiente ser bem engienizado como dissera seu Rufião.

Foram até um riacho próximo, Mateus tentava ensinar Pedro a nadar.

- Até o final da semana eu prometo que você vai sair daqui nadando muito bem, disse Mateus.

Logo depois foram ver uma árvore centenária.

- Deve ter uns trinta metros, disse Mateus (impressionado).

Logo depois foram visitar o galinheiro, Mateus mostrou a Pedro quem era o galo com maior esporão e Pedro perguntou porque um dos galos estava separado dos outros. Mateus explicou que era melhor assim, para que evitasse brigas desnecessárias. Pedro pediu:

- Solte, por favor, gostaria de ver o que acontece.
- Tudo bem ,se quiser ver sangue, mas não conte à sua mãe.

Abriu a pequena cerca e como era imaginado um galo foi de encontro ao outro em um duelo sangrento.Venceu o que tinha maior espora. Mateus interrompeu a luta antes de um dos animais morressem. Mas já era tarde demais, estava bastante ferido e foi preciso sacrificá-lo.

- Deixe que eu faço isso, disse Pedro.
- Não deve garoto, sua mãe deixaria?

Tanto insistiu que acabou concedendo, deu breves explicações para Pedro "tem que tirar as penas do pescoço, pois levaremos para aproveitá-lo". Pedro fez um corte preciso na região do pescoço e depois pressionou a faca até a cabeça do animal se separar do corpo.

- Parece que você gosta mesmo disse, disse Mateus.

Embrulharam em um saco o animal, talvez inventariam uma desculpa para seu Rufião, mas no final das contas contou tudo deixando-o orgulhoso.

- Viu Otavina? Aquele meu galo não perde uma rinha

Kelly apenas observou um tanto espantada pela frieza com que contou seu filho, mas não julgava nada sério.

Pedro comentou do matadouro e recebeu do dono da casa o convite.

- Amanhã irei cortar três gados, se sua mãe deixar pode vir com a gente.

Kelly vendo a animação do filho também não julgou ele apenas observar como o alimento chega à mesa. Seria um passeio didático.

- Mas é só para olhar, viu mocinho? Nada de pegar em facas e outros objetos cortantes, advertiu ela.

No outro dia, conforme o combinado, Rufião acordou Pedro perto das sete horas da manhã.

- Vamos?

- Claro!

Caminharam por cerca de dozentos metros até uma casa branca onde estavam presos vários animais. Nada de assustador até ali, o ambiente parecia até higiênico.

- Chegamos?, questionou Pedro.

Ele imaginava o matadouro com um ambiente diferente, algo parecido com uma cena de filme de terror.

Lá estavam de prontidão três funcionários que eram chamado pelos apelidos(Toninho, Tuco e Tónico).

Pareciam ser da mesma família.

Seu Rufião levantou o garoto e deixou em um local privilegiado enquanto Toninho e Tuco faziam o trabalho de segurar o boi. Tónico pegou um facão ,bastante amolado, e desferiu os primeiros golpes no pescoço do animal. Enquanto o animal se debatia de dor, esvaindo sangue do seu pescoço, também se agitava.

- Segura macho. Disse Tónico

Depois desferiu o último golpe e levantou a cabeça do animal como um sinal de triunfo. Havia ainda dois animais a serem abatidos e Pedro viu morrer todos. Sempre de uma posição privilegiada.

No terceiro boi pediu o facão à Tónico, seu Rufião consentiu, e ele arrancou a cabeça do animal, erguendo para cima a cabeça do mesmo arracando gargalhadas de todos os presentes. Esse acontecimento foi a conversa principal do jantar preparado por dona Otavina e Kelly, não sem levar um "puxão de orelhas" de Kelly por ter participado.

- Eu disse para você não se meter.

Como o clima era de festa, rapidamente seu Rufião tomou a palavra e contou "sua primeira vez".

"Deveria ter assim a idade do Pedro, eu esqueci de amolar o facão e foi preciso mais de quarenta golpes para decepar o animal. Quem estava segurando-o, estava sem fôlego de tanto que o animal se debatia.

Demorou quase uma hora e quando terminou não teve nem força de erguer a cabeça do animal de exausto que tava", disse ele.

Hora da caçada

Pedro contava então com 13 anos, em sua festa de aniversário estavam presentes Mateus, seu Rufião e dona Otavina.

O primeiro, trouxe de presente, uma bola de futebol, o segundo um envelope e a terceira uma bela camisa polo.

- O envelope é só para abrir quando sairmos, disse seu Rufião.

A festa, nada de atípico, Kelly fez uma lasanha para receber os convidados e no final.

- Eu e Kelly conversamos e decidimos, acho que deveríamos nos casar, disse Mateus.

- Também gostaríamos da aprovação de vocês.

Seu Rufião abriu um belo sorriso e dona Otavina disse com maior contentamento.

- De mim vocês tem total aprovação, formam um casal lindo.

- Claro, já estava na hora meu filho!, disse seu Rufião.

Depois, Kelly olhou fixamente para Pedro e perguntou:

- O que você acha de Mateus ser seu pai?

Pedro olhou para a comida como se tivesse acometido por uma dor de estômago. Se reeconteve-se e disse:

- Claro, por que não?

Pedro estava bastante curioso sobre o conteúdo daquele envelope, fim da festa e retirada das visitas, ele resolveu abri-lo. Havia dozentos reais, uma quantia significativa para um jovem daquela idade. Havia também a seguinte mensagem: "Gaste como quiser, com abraços, seu Rufião".

Ele passou a noite inteira sem dormir, pensava no que gastar aquele dinheiro. Pegou caneta e papel e fez uma lista.

Iria até uma loja de caças comprar um canivete, compraria também um blusão com capuz e um óculos escuro.

No dia seguinte, depois de Kelly deixar a casa, ele fez as compras, incluindo a do canivete que acharia que seria questionado, afinal era um rapaz jovem, mas o dono da loja só quis ver a cor do dinheiro.

Então guardou no quintal, cubriu de areia e teve o cuidado de escolher bem o local. Colocou o canivete dentro de uma caixa de sapatos e enterrou com terra.

Kelly chegou exausta, esquentou o jantar, os dois comeram e ela foi dormir. Pedro conferiu se a mãe estava de fato dormindo, teve o cuidado de pegar a lâmina e uma garrafinha de água, sem fazer barulho, e assim deixou a casa.

Seria uma caça rápida, não queria despertar sequer um olhar suspeito de Kelly. Colocou os óculos escuros no bolso, vestiu-se com o blusão mas não subiu o gorro e foi andando calmamente, como se estivesse andando em um parque, olhando para algodões doce, rodas gigantes e carros de bate-bate. Andou cerca de dois quilômetros e viu um travesti encostada num poste.

- Quer diversão?, disse a travesti.

- Claro. Respondeu Pedro.

- Aqui atrás, perto das árvores. É sua primeira vez?

- Perto das árvores está bom. Sim, é minha primeira vez.

Então os dois caminharam até a árvore, estava escuro e a travesti pediu para ele tirar as calças. Pedro tirou as calças e ficou apenas de cueca, depois também tirou a cueca e a travesti se aproximou mais e

começou a fazer um sexo oral nele. Apenas havia tocado em suas genitálias e pretendia colocar o pênis em sua boca, mas antes Pedro pegou o canivete e furou um dos olhos do travesti. Abafou, com a mão, os seus gritos e desferiu quinze facadas na região do peito e da barriga. Rapidamente se lavou do sangue, levantou o gorro, colocou os óculos e distanciou-se da árvore, começou a andar pela estrada perto da sua casa.

No caminho encontrou com uma família de crentes, um deles conhecia Pedro dos tempos da igreja. Mas parece que o disfarce surgiu efeito, ele não foi reconhecido. Seria no mínimo suspeito se o rapaz questionasse o que ele fazia naquele determinado local, naquela determinada hora.

Havia se passado duas horas entre a saída de Pedro e sua chegada, constatou que sua mãe estava dormindo e dormiu tranquilamente, relaxado, como se aquele assassinato o deixasse mais vivo, alimentasse sua fome, seus instintos.

No outro dia o corpo do travesti havia sido encontrado. Um homem de sessenta anos era o principal suspeito, pois aparentemente fez sexo com o travesti e não quis pagar o combinado. O travesti foi até sua casa e gritou para todos ouvirem, o chamou de caloteiro e ouviu dele ameaças de morte. O homem foi preso e foi coagido pela polícia à assumir o homicídio, tinha muitas "provas" contra ele, e dessa forma, "cooperando", poderia receber uma pena branda da justiça. Mas talvez ele assumiu o homicídio por outros motivos, queria mostrar à todos que tinha a coragem que não tem. Ser preso era uma questão de honra, naquela idade da vida, nada mais importava. Gostaria apenas de manter sua integridade como homem e hétero.

Pedro se sentia muito vivo. Era muito carinhoso com a mãe e começava a se aproximar de Mateus. Nos próximos meses, Mateus deu término ao curso na faculdade. Kelly e Pedro foram para a cerimônia de formatura.

Recebeu de Mateus um convite para trabalhar com ele no novo escritório de contabilidade que seu Rufião ajudou a abrir. Pedro consultou a mãe e aceitou o convite. Não iria fazer nada de especial, apenas fazer o papel de um secretário, servir café e tirar xerox de documentos.

- Seria bom pra ele ganhar seu próprio dinheiro, disse Mateus.

Assim Pedro completara quatorze anos, começou a ajudar em casa, andava bem na escola e já pensava no futuro, talvez fazer o curso de Administração. Ele deixava transparente seus objetivos/planos, excetuando, é claro, sua vida dupla.

Todas as noites fazia questão de dar saídas noturnas em busca de sua caça.

Veze ou outra era arriscado, quando Mateus permanecia em casa. Não poderia cometer falhas, seu bom humor diário era consequência da sua vida noturna. Os crimes estavam cada vez mais constantes, Pedro havia no período de um mês, assassinado quatorze pessoas.

Logo a polícia civil começou a investigar a mancha criminal, bem atípica na cidade de Renovação, uma cidade pequena cuja taxa de homicídio aumentou mais de 300%. Mas não era tarefa fácil para os polícias descobrir quem estava por trás de todas essas mortes. Era estranho, parecia haver um padrão entre os assassinatos, eram na maioria travestis, mendigos e prostitutas.

A inércia da polícia logo chegou na imprensa, o número oficial saiu

e a capa do jornal estampou " Um serial killer brasileiro, em Renovação?". No texto, havia detalhes sobre as mortes, todas elas ferimentos à faca e com indícios de sufocamento. A polícia já tinha o padrão, agora era necessário achar o criminoso.

Os desenhistas da polícia logo fizeram um retrato falado baseado em disse-me-disse, o assassino era apresentado ao povo como um homem de meia idade, negro, alto e forte. Tinha fala simpática e andava de preto durante a noite.

Pedro olhou o retrato falado e se seguiu para não dar risadas, parecia que a polícia estava completamente despreparada, queriam apenas incriminar alguém e encerrar o caso. Ele pensou durante uma noite inteira e resolveu dar um tempo na matança.

Abstinência

Havia se passado três anos, durante o último assassinato, e Pedro apresentava um comportamento muito diferente. Andava a falar pelos cantos, estava bastante agitado e até largou o emprego do escritório de Mateus. Sua relação com o mesmo também mudara, não aceitava a relação dele com sua mãe, e com esta era comum ouvir discussões. Os dois passavam a brigar em uma enorme frequência. Kelly e Mateus se reuniram e resolveu internar Pedro em uma clínica psiquiátrica à vinte minutos dali. Se convenceram após conhecer o local e também pela proximidade.

Pedro precisou ser levado à força.

Ao chegar ao local, ele apenas encarava o chão. Passou pela triagem com o psiquiatra sem dizer uma palavra.

- Pedro, ajude-nos, você não pode se manter calado. Você está diferente e eu sei, gostaríamos de lhe ajudar,mas pra isso é necessário que você fale, fale ao doutor o que você está sentindo. Vamos ti manter internado por algumas semanas,será ótimo para você. Olhe para o lugar, é realmente lindo!... Vamos !Me der um abraço, eu ti amo! Disse Kelly e foi embora prometendo voltar semana que vem pra visitá-lo.

O comportamento do menino continuava o mesmo, não dava uma palavra, apenas fitava os olhos no chão. Seus pensamentos era apenas de fugir dali, daquele local lindo sem beleza alguma. Não sentia desejo algum de permanecer naquele lugar.

Percebeu que a segurança era frágil, principalmente na hora do almoço. Escondeu uma faca da prataria, havia apenas um vigia na portaria, o rendeu, tomou-lhe a arma e a chave de um gol. Já sabia dirigir, foram uma das medidas adotadas pela mãe para tirá-lo de casa, talvez a causa seria a adolescência e tudo que cobicamos nela. Belas garotas, roupas de marcas, tirar carteira de habilitação,etc.

Agora apenas resolvera sair dali, dirigiu até quando a gasolina pode durar, parou o carro e jogou-o de um morro. A declividade do terreno o levou até debaixo de uma árvore com muitos arbustos envolta, ele cubriu o carro para não deixar pistas de onde iria. Agora sentia-se livre, poderia caçar em qualquer local, e os três anos deixara ele com uma fome terrível. Andou até a próxima cidadezinha, chamada "Gaiotas", precisou andar aproximados vinte e dois quilômetros, estava cansado, e invadiu o terreno de uma casa. Bateu na porta, uma senhora a abriu, ele apontou o revólver que tomara do vigia e

colocou as mãos em sua boca para que não gritasse. Amarrou-a na cadeira com lençóis e cordas. Andou por toda a casa e não vira mais ninguém.

Abriu a geladeira e colocou algumas coisas para cozinhar. Comeu e ficou pensando, quando escutou o barulho de alguém abrindo a porta.

A visão de fora da casa à partir desta porta dava pra ver a dona de casa apenas de costas, sem os detalhes das mordanças.

Ele se escondeu e viu um homem, baixo, magro, se aproximando da mulher, carregava um facão e já percebera que a senhora estava com cordas pelo corpo. Tirou a mordança da boca e perguntou:

- Onde que tá mãe?

- Não sei meu filho, mas está pela casa.

O rapaz começou a revirar a casa, com o facão na mão, quando iria entrar em um dos cômodos viu Pedro à partir de uma janela, ele estava atrás dele, logo após este episódio, a dona de casa escutou um estampido e começou a clamar por socorro. Pedro retirou o facão do homem decepou a cabeça da mulher com oito golpes. Foi para fora e não viu movimento na vizinhança. Retornou a casa, escolheu um dos quartos e foi-se dormir.

Acordou no dia seguinte com o barulho da porta e já estava um odor forte dentro da casa. Pareciam apenas colegas de trabalho chamando o homem, como ninguém abriu a porta, eles desistiram e foram embora.

Pedro pôs os dois cadáveres juntos e fitou por alguns minutos pensando no que iria fazer. Cortou a cabeça do homem, juntou as duas, ensacou e colocou em duas caixas diferentes. Fuçou a casa, achou certa quantia em dinheiro, pegou o chapéu de boiadeiro, vestiu novas roupas, colocou as caixas num carrinho de mão e foi até o serviço de correspondência mais próximo. O endereço tinha como destinatário a fazenda de seu Rufião, havia ainda a mensagem "Diga a Kelly que estou bem. Caçando livremente, Pedro."

Pedro não era bobo, sabia que a polícia estava à sua procura depois desse ato. E era isso que ele queria, ação, bastava todo aquele tempo de impunidade, queria testar a polícia brasileira, sabendo piamente, que se fosse preso,

não receberia uma pena maior que três anos da justiça brasileira. Poderiam alegar que ele seja um psicopata e ir parar em alguma unidade de tratamento psiquiátrico e mesmo assim não receberia uma pena mais contundente.

Ele comprou uma cachaça e subiu em um grande monte que dava para ter uma grande visão da cidade. Começou a beber e rir sozinho, pensava em todas aquelas barbáries como um simples jogo de caça e caçador. Ébrio, pensava em todas as vítimas e ainda fazia questão de imitá-las nos momentos antes de suas mortes. Acordou com um boiadeiro dizendo:

- Você está bem garoto? Olhe, aqui são terras do patrão, você tem que sair.

- Por favor senhor, tenho sede e fome, preciso que me arrume algum trabalho, respondeu Pedro.

O boiadeiro fitou-o por alguns segundos e disse:

- Olhe... vou ti levar até o patrão. Talvez ele ti arrume algum emprego na roça

-Vai ganhar pouco, mas é melhor que nada.

Chegando até um casarão branco, que além do térreo tinha um andar. Um típico casarão à moda portuguesa, do descobrimento do Brasil. Até os móveis eram antigos. O boiadeiro o levou à uma sala onde estava sentado um homem de cabelos grisalhos e barba grande e branca. Nas paredes havia toda uma geração daquela família, fotos antigas, era certo que aquele homem vivia ainda os tempos pós-escravidão. Do tipo que tem capataz e manda matar índio, sabe? bem comum em terras tupiniquins.

O homem mandou Pedro sentar e perguntou (enquanto acendia um charuto):

- Me diz aí garoto, o que você sabe fazer?

- Bom, sei matar.

O homem e o boiadeiro riu juntos enquanto Pedro permanecia quieto. O patrão então, ainda conturbado pela resposta seca de Pedro, fez um pedido bem inusitado:

Tonho fitou o chefe e os dois continuaram a rir.

Pedro pegou o facão e fez um corte preciso no pescoço de Tonho.

Agarrou-o por trás e pegou um vaso de vidro que estava na mesa para o sangue não pingar no chão.

O patrão ficou inacreditado com a frieza do garoto.

- Pronto, estou contratado? Perguntou Pedro.

O patrão, que ainda estava atormentado por aquela surpreendente cena, disse:

- Bem... Meu deus! Você acabou com o cara.

Deu algumas gargalhadas arrependidas e disse mais:

- Olha, ..., Olha, você pode fazer mais disso aí que tu fez?

- É só mandar, respondeu Pedro.

O patrão virou, pegou um copo de uísque, depois virou novamente:

- Trabalhe pra mim. Comece se livrando do corpo.

- Tem algum banheiro por aqui?, perguntou Pedro.

- Sim, ali.

Pedro então desmembrou o corpo do boiadeiro, colocou em vários sacos e enterrou em um terreno bem longe dali. Fez o total de cinco viagens, dava paradas na roça e carregava juntos consigo sacos e levava até o patrão para não deixar suspeitas.

O homem elogiou a frieza e higiene do trabalho de Pedro, notando também seu estilo sorrateiro.

- Hoje meu bom rapaz, temos negócios à tratar.

Vestiu Pedro, deu-lhe uma arma e ofereceu um dos cômodos da casa.

- Sabe...Pedro, estou à completar sessenta primaveras, e nesse período acumulei muitos inimigos. Pois é, indígenas, outros fazendeiros. Nada fiz contra eles e nesse tempo tive minhas terras invadidas. De todas as propriedades a que mais me custou, a que mais me faz falta fica a umas seis horas pra lá de Renovação. Garoto, eu acredito muito na justiça divina, mas acredito também que Deus não pode fazer tudo por nós. Deus não perdoa injustiças! E Ele sabe o quanto acumulei ódio nesses anos todos de vida. Sabe...filho, você é um anjo que o senhor enviou. Preciso de você para justificar minhas dívidas, sabe dirigir? Vou ti dar uma ponpuosa recompensa pela cabeça desse homem. Aqui está o endereço, tome as chaves da caminhonete estacionada em frente à

á até esse local e der-me a cabeça desse homem. Tome também um pequeno adiantamento.

Pedro dormiu ainda no local, e partiu na tarde do dia seguinte. Queria chegar no local à noite, quando a vigilância costuma ser cega.

Durante a viagem, ele havia reconhecendo traços daquele local. Os pinheiros nos dois lados da via, as rosas que enfeitava o local. Não podia ser. Ao chegar, se tratava da fazenda de seu Rufião.

Ele estacionou o carro mais à frente, se escondeu entre arbustos e vez ou outra era acometido pela ideia de voltar. Mas resolveu seguir em frente, não tinha laços emocionais com aquela família, apenas iria seguir em frente, terminar o trabalho. De fato, à noite, só ficava um vigia na portaria. O que foi fácil ser rendido. Pedro ainda fez questão de cortar seu pescoço. Depois rondou a propriedade, queria encontrar alguém, eliminar um por um. Bateu na porta de trás:

- Quem é?, perguntou dona Otavina.

Depois sem ouvir respostas chamou seu Rufião. O velho estranhou a situação, pegou a espingarda e mandou dona Otavina abrir a porta, não era ninguém. "Estranho.", disse ele.

Logo depois ouviu bater na porta da frente, de novo planejava repetir o procedimento. Quando abriu a porta Pedro puxou dona Otavina pelos braços, tapou sua boca com uma das mãos. Seu Rufião não conseguiu atirar, o rapaz também tinha retirado todas as lâmpadas da frente, deixando-o sem qualquer

visibilidade. Ele esfaqueou duas vezes a nuca da senhora e jogou seu cadáver na grama. Seu Rufião entrou em casa, pegou uma lanterna e começou a caçar, deveria ser algum ladrão, estava com sua senhora, provavelmente queria sequestrá-la e depois pedirresgate. Mas ele não cederia assim fácil, saiu pelas portas da frente apontava em todas as direções e depois encontrou um rastro de sangue e depois o corpo de Otavina. Escutou nesse momento um estampido vindo de sua casa.

- Mateus!, ele disse e correu até a porta.

- O que quer? O que você quer? Diga logo, diabos!, disse, apresentado cansaço.

Subiu com certa dificuldade e viu o corpo de Kelly e Mateus na cama, já estavam mortos. Depois de matar Mateus com um tiro certeiro na cabeça, pegou a mesma faca que usou para matar o vigia na portaria e dona Otavina para matar sua mãe, Kelly. O velho soltou a arma, como acometido por uma dor forte no coração, depois de dois minutos resolveu ver o que tinham naquelas caixas(deixara pra depois, havia muitos afazeres), e viu a cabeça decapitada de duas pessoas e a mensagem de Pedro.

- Seu maluco! Venha aqui!, gritou seu Rufião.

Pedro espalhara gasolina ao redor de toda a casa, acendeu um fósforo e jogou virado de costas, só olhou novamente para a casa quando a viu do retrovisor da caminhonete toda coberta pelo fogo.

Voltou na manhã seguinte à casa do patrão.

- Você já realizou todo o trabalho?, perguntou o patrão.

- Sim.

Mandou dois capatazes verificar e certificar que o trabalho foi mesmo realizado.

Ele sentou, pegou um copo de uísque para si e outro para Pedro, ofereceu pra ele:

- Não bebo em serviço, falou Pedro.

- Mas você já terminou o serviço, retrucou o patrão.

- Ainda não, falta a minha parte.

- Ah sim garoto, ti darei agora mesmo, sente-se e relaxe.

- Você não entendeu, a minha parte é a sua vida. Disse friamente Pedro.

- Co... Como é que é?

Pedro sacou a arma e meteu uma bala precisa na cabeça do homem.

serviçais escutou o estampido, Pedro a viu e atirou novamente, agora na mulher.

- Rosemary!, viu a cena uma das empregadas domésticas.

Pedro meteu outro bala nela.

Ao ouvir os disparos, um homem que dirigia um tratô adentrou na casa dando de cara com Pedro. Pedro deu um novo tiro na cabeça. Sorridente, foi de encontro ao tratô, pegou-o e saiu dirigindo. Viu mais adiante uma dúzia de trabalhadores rurais. Se aproximou e um deles falou:

- Ei, quem é aquele? E por que vem naquela velocidade?

Pedro jogou o tratô por cima dos homens e nesse ato morreram cinco pessoas atropeladas, outras ficaram vivas com sérias sequelas pelo corpo. Pedro entrou na estrada com o tratô e foi em direção à delegacia da cidade.

Chamou um dos policiais e contou toda sua história ao delegado que mandou algum dos guardas conferirem a veracidade dela.

Confirmando ser verdadeira, isolou Pedro dos outros presos, considerados adultos, por o rapaz apresentar a identidade e demonstrado ter dezessete anos, onze meses e trinta dias, ou seja, um "de menor", segundo as leis brasileiras, deveria ser encaminhado para uma instituição que acolhe jovens transgressores.

Os crimes de Pedro logo chegaram à imprensa. Entre outros termos usados para citá-lo, chamavam-o de "filho de satã".

Já na instituição, a psicóloga fez um conjunto de perguntas para Pedro e não obteve nenhuma resposta, tabu quebrado na última questão:

-O que você quer fazer quando sair daqui?

-Matar.

-Por que?

-Porque me sinto vivo.

Continuação

Provavelmente eu continuaria escrevendo sobre os transtornos que o jovem Pedro iria causar à sociedade quando saísse da instituição que acolhe jovens transgressores. Mas é até um tanto óbvio. Talvez o encaminhariam para uma ala psiquiátrica, seria induzido a tomar uma porção de remédios com a ambição de torná-lo menos impulsivo, mas sabemos que essas instituições não vão segurá-lo para sempre, assim como os remédios podem não surtir o efeito desejado. Acho que nossa sociedade já está madura suficiente para discutir o tema "maioridade penal" e providenciar ações mais contundentes.